

FRAGMENTOS DO DISCURSO POPULISTA: A DICOTOMIA AMIGO-INIMIGO NA RETÓRICA DO GOVERNO JAIR BOLSONARO

FRAGMENTOS DE UN DISCURSO POPULISTA: LA DICOTOMÍA AMIGO-ENEMIGO EN LA RETÓRICA DEL GOBIERNO JAIR BOLSONARO EN BRASIL

Daniel Jatobá¹

¹Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília/DF (UnB), Brasil. E-mail: danieljatoba2008@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1780-8415>.

Mateus Andrade²

²Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília/DF (UnB), Brasil. E-mail: mateus.furtado791@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1262-6900>

Recebido em: 31/05/2022 | Aceito em: 26/10/2022.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0



RESUMO

O discurso populista é marcado pelo antagonismo entre o povo, de um lado, e a elite política, do outro, sendo o uso de estratégias de comunicação com as massas e a valorização da soberania popular duas das principais características do populismo apontadas pela literatura acadêmica. O artigo apresenta os resultados de uma análise de conteúdo a partir de um corpus extenso de discursos oficiais pronunciados pelo presidente da República do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, eleito em 2018, e do seu primeiro chanceler, Ernesto Araújo. Argumenta-se que, no caso estudado, a tradicional oposição povo-elite do discurso populista assume um antagonismo mais amplo baseado na dicotomia amigo-inimigo, que, por sua vez, define o conceito do político na conhecida teorização de Carl Schmitt. Além disso, encontramos evidências de que a retórica adotada pelos dois líderes incorpora essa dicotomia tanto no discurso sobre política interna como no discurso sobre política externa.

Palavras-chave: Populismo; Análise de Conteúdo; Governo Jair Bolsonaro.

RESUMEN

El discurso populista es caracterizado por el antagonismo entre el pueblo, de un lado, y la élite, del otro, siendo el uso de estrategias de comunicación con las masas y la valorización de la soberanía popular dos de los principales rasgos del populismo según la literatura académica. El artículo presenta los resultados de un análisis de contenido de un extenso corpus de discursos oficiales pronunciados por el presidente de la República Federativa de Brasil, Jair Messias Bolsonaro, electo en el 2018, y por su primer canciller, Ernesto Araújo. Argumentamos que, en el caso investigado, la tradicional oposición pueblo-élite del discurso populista asume un antagonismo más amplio y basado en la dicotomía amigo-enemigo, la cual define el concepto de lo político en la conocida teorización de Carl Schmitt. Además, hemos encontrado evidencias de que la retórica adoptada por los dos líderes incorpora la referida dicotomía tanto en el discurso sobre la política interna como sobre la política exterior.

Keywords: Populismo; Análisis de Contenido; Gobierno Jair Bolsonaro.



INTRODUÇÃO

O populismo pode ser tomado como uma reação à crise da democracia representativa liberal, modelo visto com desconfiança pelos governos e políticos populistas, os quais se empenham em driblar as regras do jogo democrático. Por exemplo, Steven Levitsky e Daniel Ziblatt (2018) chamam a atenção para a ascensão de políticos antidemocráticos, *outsiders* que afirmam “representar a voz do povo”³. São, de fato, governantes que afirmam lutar contra um suposto inimigo poderoso e corrupto que conspira contra a nação, como também negam a legitimidade dos partidos políticos estabelecidos e do próprio sistema democrático, pelo qual logram ser eleitos e, uma vez no poder, passam a corromper ou ameaçar as suas instituições. É comum associar ao populismo, a afirmação de um antagonismo entre duas unidades homogêneas, o povo e a elite política corrupta, a valorização da ideia de soberania popular e o uso de estratégias de comunicação com as massas, com as quais os líderes populistas buscam estabelecer uma identificação direta e não mediada, como o sistema de partidos, o parlamento ou a sociedade civil organizada.

O presente artigo analisa o fenômeno do populismo, tal como expresso nos discursos do presidente Jair Messias Bolsonaro e do seu ex-chanceler, Ernesto Araújo. Com base nas evidências coletadas, argumenta-se que o populismo assume a forma de um antagonismo baseado na dicotomia amigo-inimigo e que a retórica oficial incorpora esse antagonismo quando se refere à política interna e quando se refere à política externa. Essa dicotomia é bastante conhecida na teoria política contemporânea e remete ao conceito do político desenvolvido por Carl Schmitt (1888-1985). Assim, a primeira seção desenvolve algumas considerações sobre o conceito de populismo na literatura acadêmica e apresenta a mencionada dicotomia na teoria política de Schmitt. A seção 2 expõe os fundamentos metodológicos, enquanto as duas seções subsequentes contêm uma série de fragmentos representativos da utilização da dicotomia amigo-inimigo pelo presidente da República e pelo ex-chanceler em assuntos de política interna (seção 3) e de política externa (seção 4). Por fim, o artigo se encerra com as nossas considerações finais a respeito da

³ Os quatro critérios utilizados por eles para definir um político antidemocrático são: a rejeição, em palavras ou ações, das regras do jogo democrático; a negação da legitimidade de oponentes; a tolerância e o encorajamento da violência; ou a disposição de restringir as liberdades civis de oponentes, incluindo a mídia (Levitsky e Ziblatt, 2018).



retórica populista utilizada pelos dois líderes investigados.

1. CONSIDERAÇÕES CONCEITUAIS SOBRE O POPULISMO E A DICOTOMIA AMIGO-INIMIGO

Por ser um típico conceito bastante contestado, para utilizarmos a expressão que o filósofo Walter Bryce Gallie usou para caracterizar o conceito de democracia (Gallie, 1956), o populismo possui inúmeras definições e admite uma grande variedade de interpretações teóricas, algumas das quais tentam vinculá-lo aos posicionamentos ideológicos tradicionais à esquerda e à direita. Não pretendemos revisar a extensa literatura que articula o conceito de populismo, até porque se trata de um dos tópicos mais visitados pela reflexão politológica desde meados do século XX, nem tomar uma posição definitiva nesse debate. Cabe destacar, entretanto, alguns elementos da literatura contemporânea que consideramos relevantes para descrever o discurso populista de Bolsonaro e Araújo.

Além de o populismo ser caracterizado pela postulação da existência de duas unidades homogêneas dentro da sociedade, a elite e o povo, tornou-se frequente a definição do populismo como uma ideologia estreita ou parcial – no inglês, *thin ideology* – diferente das grandes ideologias políticas como o conservadorismo, o liberalismo e o socialismo, os quais buscam fornecer uma visão completa de uma ordem política e social (Mudde, 2004; Fieschi, 2004; Stanley, 2008). Por outro lado, a retórica populista sustenta que a política deve ser a expressão de uma vontade geral do povo e da crítica ao poder estabelecido, isto é, às elites, aos partidos políticos e aos governantes anteriores (Mudde e Kaltwasser, 2012; Mudde e Kaltwasser, 2017), assim como opera por meio de uma simplificação da realidade, a partir da celebração vaga da ideia de soberania popular, da valorização do povo e da difamação da elite (Ivaldi, Lanzone e Woods, 2017). Outro elemento característico é a existência de um líder personalista que implementa uma ação oportunista e flexível para angariar apoio direto das massas (Weyland, 2001). Portanto, a estratégia populista busca a comunicação direta com as massas, elemento central para a análise do populismo (Moffitt e Tormey, 2014).

O populismo também é descrito como uma linguagem e um modo de identificação (Panizza, 2005), um estilo político (Moffitt, 2016) ou um modo racional de se fazer política que se baseia na divisão antagonista de dois grupos, com a mobilização de uma parte considerável da



população no intuito de reorganizar o espaço público (Laclau, 2013). Este último, define o populismo como uma forma agonística de construção da política, sem um conteúdo específico, em que os dois lados do antagonismo basilares para a estratégia populista, isto é, o povo e os inimigos do povo, são construções discursivas e dinâmicas, pois variam de acordo com diferentes experiências políticas.

Em todo o mundo, o populismo é posto em prática a partir de narrativas construídas sobre as ruínas do colapso da legitimidade da política tradicional, do declínio das diferenças práticas das ideologias e da desconfiança dos cidadãos face às instituições sociais, inclusive diante do jornalismo profissional (Moffitt e Tormey, 2014). Os líderes populistas são hostis à política representativa, encetando uma reação contra as ideias, instituições e práticas dos regimes democráticos, ao mesmo tempo em que celebram determinadas fontes identitárias comuns – por exemplo, a família, a religião, a unidade nacional – como uma saída para o alegado resgate desses valores comunitários pelo líder e o povo liderado.

Com base nessas considerações, a pertinência de qualificar como populista o discurso do presidente Bolsonaro, descrição frequente na literatura acadêmica, nos meios de comunicação e no debate público brasileiro, levou-nos a propor uma investigação sistemática do modo de articulação de seu discurso. Argumenta-se que, além de se tratar de um discurso populista, no caso de Bolsonaro e Araújo o antagonismo assume de fato a forma da dicotomia amigo-inimigo, a qual corresponde à conhecida reflexão teórica sobre o conceito do político presente no pensamento de Carl Schmitt.

A obra de Schmitt pode ser agrupada em três núcleos de interesse principais: os conceitos de político e de soberania, a teoria do Estado e das formas de governo e a teoria e história do direito internacional. Importa aqui o conceito do político, segundo o qual “a distinção política específica, aquela para a qual todas as ações e motivos políticos podem ser redirecionados, é a distinção entre amigo e inimigo” (Schmitt, 1991, p. 56). Na visão de Schmitt, o conceito do político deve ser buscado em “uma série de distinções próprias últimas para as quais tudo o que é ação política em um sentido específico pode ser redirecionado” (*Ibid.*). O objetivo do “político” é a criação das categorias de *amigo-inimigo*, que demarca o grau máximo de intensidade



de uma união ou separação, de uma associação ou dissociação.

Ao se criar uma imagem do outro como sendo irreconciliavelmente adverso, a hostilidade e a discórdia são inevitáveis. A solução do conflito não será resolvida por meio do aparato legal e institucional, mas ocorrerá por meio da eliminação, da difamação ou da rejeição promovida pelo Estado, comandado pelo líder, que é a máxima representação da soberania de um país. Isso ocorre porque o outro corresponde à negação do “nós” – o “povo” – devendo ser rejeitado e combatido para preservar “nosso” modo de vida.

Quem é o inimigo pode ser decidido apenas com base no julgamento de cada um dos implicados, que avaliam “se a alteridade do estranho representa, no conflito concreto e atual, a negação do próprio modo de existência, e em consequência há de ser repelido ou combatido para preservar a própria forma essencial de vida” (Schmitt, 1991, p. 57). O conceito do político em Schmitt articula-se, por sua vez, à teoria decisionista da soberania desenvolvida na obra seminal de 1922, *Teologia política*, na qual Carl Schmitt interpreta a fundação e o desenvolvimento das estruturas do Estado moderno através da sua associação à teologia. Para ele, “o soberano é aquele que decide sobre a exceção” (Schmitt, 2005, p. 5). Por fim, vale sublinhar que um estado de exceção inclui qualquer severa perturbação política ou econômica que requeira a aplicação de medidas extraordinárias.

2. QUESTÃO DE MÉTODO

Metodologicamente, foi realizada uma análise de conteúdo (Bardin, 1977) cujo *corpus* é constituído por pronunciamentos oficiais durante a primeira metade do governo, desde a posse até o fim de 2020, e cujos resultados são apresentados nas duas seções subsequentes. Segundo esse método, as diferentes fases da análise de conteúdo acontecem em três passos: a) a pré-análise; b) a exploração do material; e c) o tratamento dos resultados, isto é, a inferência e a interpretação. A pré-análise corresponde à etapa onde se realiza a escolha dos documentos a serem submetidos à análise em que se delimita o *corpus* e se segue as seguintes regras: regra da exaustividade, isto é, todos os elementos do *corpus* são considerados; regra da representatividade, ou seja, a partir de uma amostra do material, seus resultados obtidos podem



ser generalizados; regra da homogeneidade: os documentos devem ser padronizados e regra de pertinência: esses documentos devem ser fontes adequadas de informação. A segunda etapa é tão somente a aplicação sistemática das decisões tomadas, e na última etapa realiza-se o tratamento dos resultados obtidos.

Com base nessas considerações, foram reunidos e analisados sistematicamente todos os discursos de Bolsonaro e Araújo, disponíveis nas plataformas oficiais do governo. Nesses discursos, classificamos os diferentes fragmentos em três categorias. A primeira categoria é a construção discursiva da categoria “povo”, aquele que figura o elemento de identidade o “nós”, ou em termos da distinção schmittiana, o “amigo” interno. A segunda foi a construção discursiva do “inimigo” interno. Por fim, criamos uma terceira que podemos chamar de tradução da dicotomia amigo-inimigo à política externa. Por uma questão metodológica, para evitar a dupla contagem, optou-se a associar cada um dos fragmentos textuais à categoria predominante no respectivo trecho.

Ao todo, foram analisados 381 discursos, sendo 333 do presidente Bolsonaro e 48 do ex-chanceler Araújo, dos quais será apresentada aqui uma amostra representativa.⁴ Embora a análise de conteúdo admita o emprego de indicadores estatísticos, optamos por restringir a análise aos procedimentos qualitativos. Porém, vale mencionar que, nos discursos do presidente Bolsonaro, 144 trechos se enquadraram na categoria amigo interno, 108 na categoria inimigo interno e 143 na categoria a qual vincula a dicotomia amigo-inimigo à política externa; já nos discursos de Ernesto Araújo, as respectivas contagens foram de 9, 22 e 70. Os resultados serão apresentados nos dois tópicos seguintes.

3. A DICOTOMIA AMIGO-INIMIGO NA RETÓRICA SOBRE A POLÍTICA INTERNA

A primeira categoria investigada nos discursos de Bolsonaro e Araújo diz respeito à construção discursiva do amigo, que demarca o grau máximo de intensidade da união ou

⁴ Os dados completos dos trechos coletados e categorizados encontram-se disponíveis ao acesso público por meio do link Google Drive:
https://docs.google.com/spreadsheets/d/1MvI6469eNaAP40FzUYpwBn_zV01BW1sc5daVf5XB3JM/edit?usp=sharing



associação política que eles pretendem conduzir. No caso do discurso populista bolsonarista, o povo é representado por meio de um tipo especial de discurso que o reduz à parte da população que é referida como o conjunto dos cidadãos de bem, principalmente o conjunto de seus apoiadores, muitos dos quais podem ser identificados como pertencentes à elite capitalista brasileira- um contrassenso para definição comum de populismo.

Com efeito, o processo de identificação política utilizado na estratégia retórica de Bolsonaro é com aquela parcela da população brasileira que carrega valores conservadores. É a segurança do cidadão de bem que está sob constante ameaça e é por ele que Bolsonaro irá insistir reiteradamente em um dos seus temas favoritos: a legítima defesa enquanto excludente da ilicitude, uma vez que existem supostas ameaças, como aqueles que estão à margem da lei, os socialistas ou as ideologias de esquerda, o politicamente correto e a ideologia de gênero, entre outros inimigos aos valores, à existência física e aos direitos dos cidadãos de bem.

Nesse sentido, Bolsonaro afirma, por exemplo, que “a vida do cidadão de bem não tem preço; aqueles que estão à margem da lei, paciência”⁵ ou que “o cidadão de bem merece dispor de meios para se defender, respeitando o referendo de 2005, quando optou, nas urnas, pelo direito à legítima defesa”, isto é, “fazer com que, ao se defender, a sua propriedade privada ou a sua vida, o cidadão de bem entre no excludente de ilicitude”⁶. Após editar dois decretos de flexibilização do controle governamental sobre a aquisição, o cadastro, o registro, o porte e a comercialização de armas de fogo, em junho de 2019, Bolsonaro disse que “hoje, o cidadão de bem dificilmente consegue comprar uma arma, só os maus estão armados” razão pela qual eram estabelecidas novas regulamentações sobre armas de fogo, permitindo “ao cidadão de bem, se assim o desejar, ter uma arma dentro de casa”⁷.

⁵ Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante cerimônia alusiva ao início das operações do Centro Integrado de Inteligência e Segurança Pública da Região Sul - CIISPR-SUL - Curitiba/PR (Publicado em 10/05/2019).

⁶ Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Cerimônia de Abertura Oficial da Agrishow 2019 - Ribeirão Preto/SP (Publicado em 29/04/2019).

⁷ Discurso do presidente da República, Jair Bolsonaro, durante a Cerimônia de entrega habitacional do Residencial Quinta dos Paricás - Belém/PA (Publicado em 13/06/2019).



Aqui, vale fazer duas observações. Primeiro, há uma valorização da soberania popular: Bolsonaro busca legitimar a controversa flexibilização do acesso a armas de fogo ao fazer referência a esse plebiscito, mesmo que realizado muito antes do seu governo. Segundo, há uma explícita manipulação retórica do conteúdo do plebiscito. Em 2005, os eleitores foram consultados sobre a proposta de alteração do Estatuto do Desarmamento (Lei n. 10.826/2003), que tornava proibida a comercialização de arma de fogo e munição em todo o território nacional, salvo para as entidades previstas no extenso artigo 6º do referido estatuto. É lógico que a rejeição da proposta de proibição da venda de armas não significa automaticamente uma adesão à flexibilização da aquisição e posse de armas, restando patente a distorção do resultado do plebiscito de 2005, com o intuito de vincular as decisões presidenciais a uma suposta expressão da soberania popular expressa na consulta.

As referências à vontade popular são inúmeras e servem para justificar qualquer política governamental, até mesmo pautas impopulares. Ao discursar durante um encontro de empresários, Bolsonaro justifica a sua adesão ao liberalismo econômico, ele que teve sua trajetória política anterior marcada por posições mais nacionalistas, dizendo que mudou de posição por influência de conversas com o ministro da Economia, Paulo Guedes, este sim um conhecido liberal. O presidente começa por dizer que “tinha uma visão um pouco diferente do Paulo Guedes”, mas que o ministro “me convenceu de que ele estava no caminho certo: abrir a nossa economia; tirar o Estado da vanguarda das decisões”. E sentencia, em típica afirmação populista: “quem deve dirigir a nação é o seu povo”⁸.

De forma semelhante, o lema de Bolsonaro, usado durante a campanha presidencial de 2018, é bem conhecido e repetido nos discursos do presidente e do ex-chanceler: “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”. A chegada de Bolsonaro ao poder é descrita como emanção da vontade soberana do povo, como é o caso da afirmação de que “minha campanha eleitoral atendeu ao chamado das ruas e forjou o compromisso de colocar o Brasil acima de tudo e Deus acima de todos. [...] Daqui em diante, nos pautaremos [sic] pela vontade soberana daqueles

⁸ Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Encontro com Empresários Publicado em 06/06/2019 21h08 Atualizado em 06/06/2019 21h09



brasileiros”⁹. Já Ernesto Araújo, uma figura sem destaque dentro do Itamaraty e ligado a teorias de conspiração (vide sua obsessão com “globalismo”, “guerra cultural” etc.), procura elaborar intelectualmente o lema do presidente Bolsonaro:

O lema do Presidente Bolsonaro – Brasil acima de tudo e Deus acima de todos – contém em si mesmo um projeto político e uma concepção de mundo. São um projeto e uma concepção que correspondem aos sentimentos profundos do povo brasileiro. Brasil acima de tudo: ou seja, a união dos brasileiros em torno da ideia da pátria, como único fator capaz de mobilizá-los por um objetivo comum. Governos anteriores criaram uma sociedade fragmentada e dispersa. Uma sociedade descrente de si mesma e de suas instituições. A maneira de reunificar essa dispersão e superar essa descrença é colocar como horizonte a pátria. A nação. Não o Estado, mas a nação.¹⁰

Para acentuar a sua identificação com os valores cristãos que, nos discursos analisados, são os valores do povo brasileiro, Bolsonaro repete obstinadamente que é um homem cristão. Seria exaustivo repetir os inúmeros fragmentos análogos: seus conteúdos repetem-se sem variações relevantes de significado ou de associações com outras ideias presentes em suas falas. Uma das suas fórmulas preferidas é “o Estado é laico, mas nós aqui somos cristãos e acreditamos em Deus”¹¹. A fala é reproduzida com pequenas variações de expressão, como em “o Estado é laico, mas eu sou cristão; e ponto final”¹² ou quando, discursando em uma jornada de religiosos cristãos, utiliza explicitamente a noção de amizade para dizer que “é muito bom estar entre

⁹ Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Cerimônia de Posse no Congresso Nacional Publicado em 01/01/2019 15h10, Atualizado em 01/01/2019 16h13.

¹⁰ Discurso do Ministro de Estado das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, ao apresentar o Senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, em palestra no “Dia do Brasil” na Câmara de Comércio dos Estados Unidos – Washington, DC (Publicado em 21/03/2019).

¹¹ Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Cerimônia alusiva ao Projeto de Irrigação Tabuleiros Litorâneos do Piauí - Parnaíba/PI (Publicado em 14/08/2019).

¹² Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Cerimônia Alusiva à Visita do Presidente da República ao Estado do Tocantins - Palmas/TO (Publicado em 12/12/2019).



amigos, melhor ainda quando esses amigos têm Deus no coração” e faz referência a si mesmo em terceira pessoa para dizer que o país tem “um presidente que diz que o estado é laico, mas ele é cristão: feliz é a nação cujo Deus é o Senhor. Brasil, país feliz”¹³.

O tema dos valores cristãos é frequentemente associado à noção de família tradicional e cristã. Aqui, o apelo identitário é acrescido às ameaças ao modo de vida e à cultura judaico-cristãos. As escolas de ensino fundamental, as universidades, a mídia, os jornalistas, as ideologias de esquerda, a ideologia de gênero, o politicamente correto, os governos petistas, etc. Às vezes, Bolsonaro lança mão de exageros estatísticos para reforçar a identificação e homogeneização do povo brasileiro, como nos exemplos “nós respeitamos todas as religiões, mas 90% da população é cristã; (...) acabou a história de bagunçarem com a família brasileira; a família brasileira é sagrada”¹⁴ ou “tive o apoio de grande parte dos evangélicos, já no início do período oficial das eleições; não vou falar todos, mas grande, acredito que 90%; isso foi decisivo”, ou ainda “vocês foram decisivos para mudar o destino dessa Pátria maravilhosa, chamada Brasil; todos nós juntos compartilhamos dessa responsabilidade; onde primeiro Deus e depois a família, respeitada e tradicional acima de tudo”¹⁵.

O discurso do Bolsonaro também é repleto de mensagens messiânicas, as quais evocam para si o papel de “Salvador do Brasil”. O messianismo funciona como um elemento que singulariza sua liderança política. É espantosa a quantidade de vezes em que Bolsonaro reconta a narrativa de que sua ascensão ao poder adveio de dois milagres: Deus lhe resgatou da morte após o atentado ocorrido em Juiz de Fora durante a campanha eleitoral e, indo contra tudo e todos, o povo o elegeu presidente. A transformação do país vem pelas mãos de Deus e sob seu governo nasce então um novo país, longe do socialismo, da corrupção, da criminalidade, da ideologia de

¹³ Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante a 27ª edição da Marcha para Jesus 2019 – São Paulo/SP (Publicado em 20/06/2019).

¹⁴ Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Cerimônia alusiva ao Projeto de Irrigação Tabuleiros Litorâneos do Piauí - Parnaíba/PI (Publicado em 14/08/2019).

¹⁵ Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante a 27ª edição da Marcha para Jesus 2019 – São Paulo/SP (Publicado em 20/06/2019).



gênero e de tudo que impede o Brasil de ser grande, soberano, próspero e fiel aos valores judaico-cristãos e aos anseios de seu povo:

E com muita seriedade né, eu sou cristão, acredito em Deus e existe milagre, mas comigo foram milagres, a sobrevivência no primeiro momento, uma eleição contra quase tudo, né, mas tínhamos do nosso lado apenas duas palavrinhas, né, o povo e Deus. E, depois, quando alguns me criticam e falam sobre capacidade, eu vou lá na Bíblia e busco que Deus não escolhe os capacitados e capacita os escolhidos.¹⁶

Se por um lado Bolsonaro e Araújo articulam elementos simbólicos, sobretudo religiosos e identitários, com os quais grande parte da população possui afinidade, por outro lado os seus discursos são repletos de referências à alegada “gravíssima crise ética, moral e econômica” e aos “inimigos do povo brasileiro”. Na cerimônia de recebimento da faixa presidencial, afirmou ser o líder que deveria “unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores. O Brasil voltará a ser um país livre das amarras ideológicas”¹⁷. A certa altura, ele se coloca como a solução às tendências associadas ao esquerdismo que o antecedeu: “para onde estávamos indo? Com todas as diversidades familiares? Ora, bolas! Cada um faça o que bem entender, mas não queira impor os seus costumes à grande maioria, que somos nós. Um governo que é temente a Deus”. O dia do início da grande transformação, o dia da posse seria, segundo ele, “o dia em que o povo começou a se libertar do socialismo, se libertar da inversão de valores, do gigantismo estatal e do politicamente correto”. Bolsonaro critica as “ideologias que destroem nossos valores e tradições, destroem nossas famílias, alicerces da nossa sociedade” e a “ideologização de nossas crianças, do desvirtuamento dos direitos humanos e da desconstrução da família”, prometendo proteger os cidadãos de bem da “ideologia que defende bandidos e criminaliza policiais, que levou o Brasil a

¹⁶ Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, no encontro com comunidade brasileira de Raanana - Tel Aviv/Israel (Publicado em 02/04/2019).

¹⁷ Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Cerimônia de Posse no Congresso Nacional (Publicado em 01/01/2019).



viver o aumento dos índices de violência e do poder do crime organizado, que tira vidas de inocentes, destrói famílias e leva a insegurança a todos os lugares”¹⁸.

4. A DICOTOMIA AMIGO-INIMIGO NA RETÓRICA SOBRE A POLÍTICA EXTERNA

Ninguém melhor do que um chanceler para apresentar o presidente de um país no exterior e nenhum lugar melhor para o governo Bolsonaro fazer isso do que Washington, considerando a centralidade dos Estados Unidos nas prioridades declaradas pelo governo. Lá Araújo descreveu o presidente como aquele que “está quebrando tradições: quebrando as tradições da corrupção, do toma-lá-dá-cá, da eterna postergação das soluções, a tradição do crime, a tradição do materialismo”, aquele líder que o incumbiu de “libertar a política externa, libertar o Itamaraty”. O discurso de Araújo em Washington é representativo do que seriam muitos dos seus outros discursos. Ele divide os países entre aqueles “que admiramos” (Estados Unidos e Israel, sobretudo, mas também com países com líderes de extrema-direita, como a Hungria e a Polônia, além dos “países latino-americanos que se libertaram dos regimes do Foro de São Paulo”) e aqueles países, atores e ideologias inimigos (globalismo, Venezuela, a existência de uma alegada teofobia global, um ódio contra Deus, e outros temas congêneres). Em Washington, Araújo disse ter assumido “a incumbência de fazer do Itamaraty e da política externa brasileira parte integrante desta transformação, rompendo as tradições de acomodação e irrelevância da política externa brasileira de tempos recentes”¹⁹.

Um ano e meio depois, o então chanceler dirigiu-se ao Conselho de Segurança das Nações Unidas, por ocasião dos 75 anos do fim da Segunda Guerra Mundial, afirmando: “vamos libertar todas essas boas e nobres causas, como direitos humanos, justiça e meio ambiente. Vamos libertá-las da manipulação e da escravização pelas ideologias totalitárias”²⁰. Os discursos do ex-chanceler,

¹⁸ Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante cerimônia de Recebimento da Faixa Presidencial (Publicado em 01/01/2019).

¹⁹ Palavras do Ministro de Estado das Relações Exteriores, Embaixador Ernesto Araújo, ao apresentar o Senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, em palestra no “Dia do Brasil” na Câmara de Comércio dos Estados Unidos – Washington, 18 de março de 2019 (Publicado em 21/03/2019).

²⁰ Intervenção do Ministro Ernesto Araújo por ocasião da reunião informal do Conselho de Segurança das Nações Unidas relativa aos 75 anos do fim da 2ª Guerra Mundial (Publicado em 08/05/2020).



seja o público interno ou internacional, são repletos de denúncias de uma conspiração internacional, como neste exemplo:

Não se deram conta, mas há muito o comunismo vinha-se preparando para ocupar a sociedade liberal por dentro, com a teoria de Gramsci, com a Escola de Frankfurt, com a Revolução Cultural dos anos 60. E, com essa abertura no coração da sociedade liberal, que expulsa Deus, o caminho ficou livre para que o marxismo cultural, o gramscismo, como quer que se chame, ocupasse o coração da sociedade liberal, que tinha sido deixado vazio. Isso é o globalismo.²¹

O presidente Bolsonaro também em Washington, afirmou que “o povo cansou da velha política, cansou-se daquelas políticas do toma-lá-dá-cá, das negociações e do péssimo exemplo dos governos do PT, materializadas nas pessoas de Lula e Dilma Rousseff”²². Na Assembleia Geral das Nações Unidas, fez palanque para as suas controvérsias públicas com líderes europeus, em particular da França e da Alemanha, além de países nórdicos ligados ao Fundo Amazônia, associando-os a uma conspiração internacional e nacional que quer destruir a soberania brasileira, da qual os líderes indígenas brasileiros também fariam parte, sendo “usados como peça de manobra por governos estrangeiros na sua guerra informacional para avançar seus interesses na Amazônia”, notadamente “as riquezas minerais e a biodiversidade existentes nessas áreas”²³. Um ano depois, retomou o tema na abertura da Assembleia Geral para insistir que “somos vítimas de uma das mais brutais campanhas de desinformação sobre a Amazônia e o Pantanal”²⁴.

²¹ Palestra do Ministro de Estado das Relações Exteriores sobre a nova Política Externa do Brasil e sua vertente comercial – Firjan, Rio de Janeiro/RJ (Publicado em 29/08/2019).

²² Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, no “Brazil Day in Washington”-Washington/EUA (Publicado em 18/03/2019).

²³ Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Abertura do Debate Geral da 74ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU)- Nova Iorque/EUA (Publicado em 24/09/2019).

²⁴ Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, na abertura da 75ª Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) – Nova Iorque/EUA (Publicado em 22/09/2020).



O primeiro discurso de Bolsonaro na ONU também serviu para vincular a sua ascensão à intervenção divina, por um lado, e à soberania popular, por outro; associou o tema das ameaças “no terreno da cultura” derivadas da alegada proximidade que o Brasil viveu do socialismo, identificando da seguinte maneira os inimigos do povo brasileiro:

Meu país esteve muito próximo do socialismo, o que nos colocou numa situação de corrupção generalizada, grave recessão econômica, altas taxas de criminalidade e de ataques ininterruptos aos valores familiares e religiosos que formam nossas tradições. (...) A ideologia se instalou no terreno da cultura, da educação e da mídia, dominando meios de comunicação, universidades e escolas. (...) A ideologia invadiu a própria alma humana para dela expulsar Deus e a dignidade com que Ele nos revestiu. (...) Sou prova viva disso. Fui covardemente esfaqueado por um militante de esquerda e só sobrevivi por um milagre de Deus. Mais uma vez agradeço a Deus pela minha vida.

Bolsonaro também busca justificar as orientações de sua política externa, baseada na divisão dos países estrangeiros entre os amigos e os inimigos. Por exemplo, o discurso de política externa do presidente é repleto de afirmações como “quando me criticam por ter me aproximado dos Estados Unidos eu respondo: ‘Querem que eu me aproxime de quem? Da Venezuela, de Cuba, da Bolívia?’; (...) devemos nos preocupar conosco e nos aproximarmos de quem é melhor do que nós”²⁵. Em uma das inúmeras passagens referidas aos inimigos, o presidente discursa em um ato político local e associa “essa raça de corruptos e comunistas” a excremento, dizendo que “nas próximas eleições, vamos varrer essa turma vermelha do Brasil. Já que na Venezuela está bom, vou mandar essa cambada para lá. Quem quiser ir um pouquinho mais para o Norte, vai [sic] para Cuba, lá deve estar muito bom também”²⁶.

²⁵ Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante cerimônia de entrega da Medalha do Mérito Industrial do Estado do Rio de Janeiro - Rio de Janeiro/RJ (Publicado em 20/05/2019).

²⁶ Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, durante Cerimônia alusiva ao Projeto de Irrigação Tabuleiros Litorâneos do Piauí - Parnaíba/PI (Publicado em 14/08/2019).



O inimigo externo amiúde assume a forma dos países governados por partidos classificados como “de esquerda” ou com qualquer governo não conservador. Na América Latina teríamos como os maiores inimigos a Venezuela, Cuba e Bolívia. O regime “ditatorial” venezuelano faria parte de uma coligação internacional, conhecida como Foro de São Paulo, criado por agentes cubanos e que esteve próximo de conquistar o poder em toda América Latina. Diante disso, o Brasil teria a missão de restaurar a liberdade no Cone Sul contra a ameaça comunista, ditando os rumos do Mercosul. Bolsonaro chega a sugerir, ainda que de modo implícito, uma intervenção militar no país vizinho, acenando em busca de apoio dos Estados Unidos para o que é considerada a libertação da Venezuela: “temos que resolver a questão da nossa Venezuela; a Venezuela não pode continuar da maneira que se encontra; aquele povo tem que ser libertado; e acreditamos e contamos obviamente, com apoio norte-americano, para que esse objetivo seja alcançado”²⁷.

O projeto anunciado por Bolsonaro é o de libertar o país do esquerdismo e, como transparece talvez de maneira mais clara e articulada no discurso do ex-chanceler Araújo, essa é uma luta contra o “globalismo”. Eliminar a esquerda é uma questão urgente e de dimensão internacional, na linha argumentativa do ex-chanceler Araújo. A esquerda deve ser eliminada porque prega uma ideologia que defende bandidos e criminaliza policiais, tendo levado o Brasil a viver o atual aumento dos índices de violência e do poder do crime organizado. Durante os mandatos petistas, o país teria sido governado por interesses partidários e, ainda pior, guiados pelas ideologias de esquerda, responsáveis por fazer uma lavagem cerebral na juventude. Assim, corruptos e comunistas são sinônimos e devem ser expulsos do Brasil, de preferência para Cuba ou Venezuela.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou mostrar a pertinência de usar o conceito de populismo para descrever a situação brasileira sob o governo Bolsonaro. A partir de definições e argumentos presentes na literatura acadêmica e dos dados coletados nos discursos selecionados dos dois líderes investigados, argumentamos que os líderes populistas buscam o convencimento das

²⁷ Discurso do Presidente da República, Jair Bolsonaro, no “Brazil Day in Washington” - Washington/EUA (Publicado em 18/03/2019).



massas e que, no caso do discurso bolsonarista, é utilizada uma retórica baseada no antagonismo entre amigo e inimigo e no reforço da ideia de vontade soberana do povo. O presidente Jair Bolsonaro e o ex-ministro Ernesto Araújo demonstraram aderir a uma construção do antagonismo populista que assume a forma da distinção amigo-inimigo e, ademais, projeta-se também sobre a enunciação da política externa.

Nos discursos sobre a política interna, Bolsonaro e Araújo lançam mão da oposição binária entre, de um lado, o povo, os cidadãos de bem, as pessoas comuns e puras, e, do outro lado, a elite política corrupta e os elementos indesejáveis da sociedade, os quais conspiram contra os reais interesses do povo. Na medida em que a dicotomia foi projetada de forma acrítica aos conteúdos relativos à política externa brasileira, essa tornou-se refém da oposição entre os amigos e os inimigos: Estados Unidos, Israel, as supostas aproximações com as regiões de capitalismo avançado, países com líderes de extrema-direita ou conservadores, de um lado, Venezuela, Cuba, Bolívia, o Foro de São Paulo e outros representantes do chamado globalismo, conspiradores esquerdistas que atentam corruptamente contra a nação, de outro lado.

Em resumo, a linha de raciocínio de Bolsonaro é articulada em diferentes discursos. Ele é o líder que deve conduzir a nação brasileira pelo desfiladeiro que opõe os amigos do povo e os seus inimigos. Afinal, Deus capacitou o escolhido Jair *Messias* Bolsonaro para cumprir a responsabilidade de liderar a nação brasileira. Salvou-lhe milagrosamente do atentado à faca durante as campanhas presidenciais de 2018 e, ato divino contínuo, concedeu-lhe, também por milagre, a vitória eleitoral contra tudo e contra todos. Sob seu comando, ressurgiu um novo país que, após estar à beira do socialismo - uma ideologia nefasta que divide a nação e destrói os valores e tradições brasileiros em que o inimigo está escondido por toda parte - o país deve ser reconstruído a partir dos anseios e dos ideais de seu povo, o grande responsável por conduzir o destino da nação e ao qual o presidente deve lealdade absoluta. Da mesma forma, é preciso também retirar o viés ideológico de “esquerda” das relações internacionais e se posicionar a favor de países com ideologia semelhante.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bardin, L. (1977) *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Fieschi, C. (2004). 'Introduction'. *Journal of Political Ideologies*, 9, pp. 235-240.

Mudde, C. (2004). 'The populist zeitgeist', *Government and opposition*, 39(4), pp. 541-563.

Gallie, W. B. (1956). "Essentially contested concepts". *Proceedings of the Aristotelian Society New Series*, Vol. 56, pp. 167-198.

Ivaldi, G., Lanzone, M. E., & Woods, D. (2017). 'Varieties of Populism across a Left-Right Spectrum: The Case of the Front National, the Northern League, Podemos and Five Star Movement', *Swiss Political Science Review*, 23(4), pp. 354-376.

Kaltwasser, C. R.; Taggart, P. A.; Espejo, P. O.; Ostiguy, P. (2017) *The Oxford handbook of populism*. Oxford University Press.

Laclau, E. (2013) *A razão populista*. Rio de Janeiro: EdUERJ.

Levitsky, S.; Ziblatt, D. (2018) *Como as democracias morrem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Moffitt, B.; Tormey, S. (2014). 'Rethinking populism: Politics, mediatisation and political style',



Political studies, 62(2), pp. 381-397.

Moffitt, B. (2016) *The global rise of populism: performance, political style and representation*. California: Stanford University Press.

Mudde, C.; Kaltwasser, C. R. (2012) *Populism in Europe and the Americas: Threat or corrective for democracy?*. Cambridge: Cambridge University Press.

Mudde, C.; Kaltwasser, C. R. (2017) *Populism: A very short introduction*. Oxford: Oxford University Press.

Panizza, F. (2005). Introduction: Populism and the Mirror of Democracy. In: *Populism and the Mirror of Democracy*, F. Panizza (ed). London: Verso.

Schmitt, C. (1991). *El concepto de lo político*. Alianza Editorial: Madrid.

Schmitt, C. (2005). *Political theology: four chapters on the concept of sovereignty*. Chicago: Chicago University Press.

Stanley, B. (2008). 'The Thin Ideology of Populism', *Journal of Political Ideologies*, 13(1), pp. 95–110.



Weyland, K. (2001). 'Clarifying a contested concept: Populism in the study of Latin American politics'. *Comparative politics*, 34(1), pp. 1-22.

